



Carta de São Carlos do Movimento da Economia Solidária e Feminista

Nós, mulheres participantes do 2º Seminário Nacional de Economia Solidária e Feminista, que foi realizado nos dias 9 e 10 de outubro de 2018, em São Carlos/SP e contou com a representação de mulheres do movimento de economia solidária de 10 estados do Brasil (Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Pará, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins), fizemos o exercício de resgatar nossa história de luta para criação do Grupo de Trabalho (GT) de Mulheres do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) e nos fóruns estaduais, como desafio para o nosso reconhecimento dentro do próprio movimento e importância da pauta das mulheres, para além da relação de gênero.

Desta história também retomamos os projetos do FBES, que em 2015, desenvolveu um Curso Nacional à distância para fortalecer a pauta das mulheres, realizado em 26 unidades da federação e envolvendo mulheres enquanto tutoras e militantes da economia solidária.

Para nós, as mulheres e sua forma de ver o mundo devem estar no centro da economia e na gestão da sociedade, pois são elas que dão conta de unir a produção e reprodução da vida. Estamos na economia solidária porque acreditamos que é uma economia que respeita as mulheres e valoriza nosso trabalho e nossas práticas, a partir do lugar em que estamos, seja no meio urbano ou rural.

Neste seminário, discutimos que muitas mulheres estão na economia solidária porque conseguem conciliar os trabalhos da casa, o cuidado com a família e o trabalho no empreendimento, o que muitas vezes implica uma dupla ou tripla jornada. Por outro lado, essa participação também permite uma emancipação e autonomia pessoal. As mulheres começam a se reconhecer

como protagonistas da própria vida, se identificar com a experiência de outras mulheres na mesma situação e construírem projetos coletivos de emancipação.

A conjuntura de desmonte das políticas sociais, em especial a da economia solidária teve grande impacto na continuidade das ações de fortalecimento das mulheres do movimento a partir dos fóruns. Por outro lado, também foi possível perceber que para alguns espaços e iniciativas o contexto atual provocou uma radicalização da autogestão, sendo notada muito mais como um modo de vida e modelo de sociedade a ser defendido do que uma proposta de política pública ou projetos sociais.

Partimos da percepção de que as mulheres são a maioria dentro do movimento de economia solidária e afirmamos a importância de nos colocarmos como lideranças nos espaços que ocupamos frente a conjuntura de retrocesso e fascismo que vivemos atualmente. Refletimos que nesse momento é central a **rearticulação dos espaços de economia feminista dentro do movimento, os GTs de mulheres nos fóruns estaduais e no FBES**. Essa rearticulação tem o objetivo de **retomar nossa ação de multiplicadoras do debate feminista na economia solidária, nas bases e nas instâncias do movimento**.

Isto porque sem democracia não há autogestão, sem a prática da autogestão não há economia solidária! E, ainda, sem feminismo não há economia solidária!

São Carlos/SP, 10 de outubro de 2018